

AS IDEIAS LINGUÍSTICAS NO DISCURSO *DE  
LIBERALIUM ARTIUM STUDIIS (1548)*

THE LINGUISTIC IDEAS IN THE *DE  
LIBERALIUM ARTIUM STUDIIS* SPEECH (1548)

Leonardo Ferreira Kaltner  
Universidade Federal Fluminense  
leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO:

Debateremos as ideias linguísticas no humanismo renascentista português (1485-1596), que influenciou o Brasil quinhentista. Neste contexto, desenvolveu-se a educação humanística de S. José de Anchieta (1534-1597), que fora aluno do Real Colégio das Artes de Coimbra. Analisamos as ideias linguísticas da época a partir de um discurso proferido em latim pelo humanista Arnaldo Fabrício (FABRÍCIO, 2011), na véspera de abertura do ano letivo do Real Colégio das Artes de Coimbra em 1548, intitulado: *De Liberalium Artium Studiis Oratio*.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, educação humanística, línguas clássicas, Anchieta

ABSTRACT:

I discuss the linguistic ideas of Renaissance humanism in Portugal (1485-1596), which influenced sixteenth-century Brazil. In this context, was developed the humanistic education of S. José de Anchieta (1534-1597), who had been a student at the Royal College of Arts in Coimbra. I analyze the linguistic ideas of the time in a speech entitled *De Liberalium Artium Studiis Oratio*, given in Latin by the humanist Arnaldo Fabrício (FABRÍCIO, 2011) on the eve of the Royal College of Arts (Coimbra) school year of 1548.

KEYWORDS: Linguistics Historiography, humanistic education, classical languages, Anchieta

## Introdução

A Historiografia da Linguística é um campo de investigação que tem se desenvolvido nas últimas décadas no intuito de compreensão do desenvolvimento das ideias linguísticas, a partir do processo histórico e através de uma análise historiográfica. Tomamos de empréstimo as palavras do linguista e historiógrafo Pierre Swiggers, da Universidade de Lovaina, para iniciar nossas breves considerações, sobre o tema:

Na historiografia da linguística, como estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas, os objetos primários que se devem estudar são textos (publicados ou não publicados). Há muitos aspectos do fenômeno a que denominamos “texto” que merecem certa reflexão do ponto de vista do historiador da linguística: I - Sua inserção em um “circuito” mais amplo: aqui surgem problemas como os concernentes a (a) intertextualidade, (b) polissistema de textos e (c) “serialidade” (série de textos) (SWIGGERS, 2013, p. 41).

A área de investigação pressupõe que para além do texto, como uma entidade individual, os pontos de ancoragem de análise devem se relacionar a uma visão contínua destes, na investigação de redes de conhecimento, históricos de instituições, formação de escolas de pensamento, organização de grupos de trabalho e pesquisa, círculos intelectuais, sociedades acadêmicas e movimentos culturais (SWIGGERS, 2013, p. 47), contextos em que se inserem os textos individuais, a fim de que se analisem conceitos e princípios teóricos de uma determinada época, por exemplo:

Os textos que o historiógrafo (ou o historiador) da linguística deve estudar podem ser considerados o “reflexo (ou depósito) material” da história da linguística. A história da linguística se pode definir como o conjunto cronológico e geográfico dos acontecimentos, dos fatos, dos processos de conceptualização e de descrição, e dos produtos que moldaram a tradição do pensamento e da práxis linguísticos (SWIGGERS, 2013, p. 42).

No presente artigo, neste aspecto, cumpre salientar que analisamos as ideias linguísticas do humanismo renascentista português, movimento cultural e espiritual, que influiu na colonização do Brasil quinhentista. Seleccionamos, dentre os textos que compõem o patrimônio material do movimento humanís-

tico renascentista em Portugal, um discurso, a *De Liberalium Artium Studiis Oratio* (Oração sobre o estudo das artes liberais), proferida pelo humanista Arnaldo Fabrício em 21 de fevereiro de 1548, na inauguração do Real Colégio das Artes em Coimbra, instituição em que estudara José de Anchieta, ainda adolescente, a partir do mesmo ano (FABRÍCIO, 2011, p. 9 e seguintes). O discurso em latim renascentista versa sobre as ideias educacionais da época, inclusive as concepções da educação linguística renascentista, pautada no ensino de línguas clássicas, nas disciplinas do trívio, gramática, retórica e dialética, como veremos mais adiante.

O pesquisador Carlos Tannus, seguindo como referência o renomado pesquisador da história do humanismo renascentista português, Américo Ramalho, propõe a datação do movimento humanístico em Portugal entre 1485 e 1596, tendo como marco inicial a chegada do humanista italiano Cataldo Parísio Sículo à corte de D. João II e como marco final a publicação das obras completas de D. Jerônimo Osório em 1596 (TANNUS, 2007, p. 16). Após a chegada de Cataldo Parísio Sículo a Portugal, que será preceptor de nobres, em uma etapa de consolidação do movimento, há uma política cultural à época de D. Manuel e de D. João III de enviar bolsistas para outras universidades europeias, a fim de fomentar a formação humanística:

Mas a história do humanismo português está ligada, também às Universidades de Lovaina, Toulouse e Paris. Estas últimas concentraram – sobretudo a de Paris – a maior parte dos escolares bolseiros dos reis D. Manuel e D. João III e daqueles que pertenciam a alguma ordem religiosa e eram por ela mantidos, conforme facilmente se vê nas relações dos estudos de Paris e Toulouse. Em Lovaina, dominada pelas figuras de Erasmo e Luís Vives, o grande humanista espanhol, estudaram alunos que viriam a ter, mais tarde, importante papel na história do humanismo português, nomeadamente Frei Diogo de Murça, futuro reitor da Universidade de Coimbra, de 1543 a 1555; Frei Brás de Braga, prior do Mosteiro e renovador dos estudos em Santa Cruz de Coimbra e, ainda, André de Resende, que, como veremos, foi um dos responsáveis pelo prestígio de Erasmo em Portugal, até que a Inquisição se voltasse contra o humanista (TANNUS, 2007, p. 18).

Como resultante deste processo, a Universidade de Paris e o Colégio Santa Bárbara, passarão a influenciar as ideias linguísticas na reforma universitária posterior que ocorreria no reinado de D. João III:

Na Universidade de Paris, para onde se dirigiu a maioria dos portugueses sob D. João III, estudarão e professarão grandes nomes do humanismo português, em especial no Colégio de Santa Bárbara que, aliás, esteve, durante cerca de vinte anos, sob a direção de Diogo de Gouveia, o Velho, e a seguir de André de Gouveia, seu sobrinho. Entre os que aí estudaram ou ensinaram contam-se Marcial de Gouveia, poeta latino e gramático, que também ensinou em Coimbra no Colégio das Artes e em Poitiers; Antônio de Gouveia, responsável pela célebre defesa de Aristóteles contra Petrus Ramus, em 1543, bem como pela renovação dos estudos de Direito Romano, licenciado e doutorado pela Universidade de Toulouse (TANNUS, 2007, p. 18).

A reforma universitária empreendida por D. João III na Universidade de Coimbra, que resultou na fundação do Real Colégio das Artes, em 1548, na mesma cidade, só foi possível após uma integração maior da intelectualidade do reino português com as redes de influência da educação humanística italiana e francesa, profundamente influenciadas pelas ideias de Erasmo de Roterdã, em todo contexto europeu renascentista. Portanto, contando com uma intelectualidade já consolidada em seu reinado, D. João III poderia implementar uma política cultural vinculada à reforma das universidades portuguesas e a criação de instituições como o Real Colégio das Artes de Coimbra, dentro do espírito humanístico. Esse processo seria concomitante com o avanço da Reforma católica, da qual surgiria a *Societas Iesu*, a Companhia de Jesus, em 1534, que em 1555 assumiria a administração do Real Colégio das Artes.

José de Anchieta nasceu nas Ilhas Canárias em 1534, tendo ido com catorze anos de idade para Coimbra, em 1548, a fim de ingressar no Real Colégio das Artes, ao acompanhar um irmão que iria cursar Cânones. Os biógrafos, por falta de documentação, não conseguem atestar a data precisa em que Anchieta estudara no Real Colégio das Artes de Coimbra. As datas oscilam com intervalos entre 1548 e 1551, até 1553, quando Anchieta embarca para o Brasil. Segundo Hélio Viotti, que figura entre os principais estudiosos da vida de Anchieta, temos o seguinte relato:

Nascido a 19 de março de 1534 em São Cristóvão da Laguna, fez José na cidade natal seus primeiros estudos, cursando provavelmente as escolas dos padres dominicanos, não muito distantes de sua casa, ainda hoje existente, na Praça Maior, agora “del Adelantado”. Aos 14 anos, em 1548, foi enviado, em companhia de seu irmão mais velho por parte de mãe, Pedro Nuñez, depois sacerdote,

a matricular-se no Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra e então reorganizado por Dom João III com excelentes professores. Diogo de Teive foi ali seu mestre principal (VIOTTI, 1980, p. 28).

Anchieta fora um dos alunos do Real Colégio das Artes em 1548, ano em que o discurso do humanista Arnaldo Fabrício fora proferido, segundo os poucos relatos desta época, tendo sido identificado como um dos colegas de D. Jorge de Ataíde, e este por sua vez citado no processo inquisitorial de Diogo de Teive, em 1550. Anchieta passara uma temporada adoentado, provavelmente no ano de 1552, antes de viajar ao Brasil em maio de 1553:

Em Coimbra se distinguiu ele desde logo entre os melhores alunos de sua classe, possuindo grande facilidade para a poesia latina, razão pela qual lhe deram os colegas o apelido, alusivo igualmente à sua pátria, de “canário de Coimbra”. Ali veio a conhecer a nova Ordem religiosa, fundada por seu parente Inácio (ou Ínigo) de Loiola. Educado por seus pais no fervor da piedade cristã e havendo prometido em voto a Deus, diante do altar de Maria SSma. na velha Catedral de Coimbra, perpétua castidade, empolgou-se com os ideais missionários da Companhia de Jesus, para ela entrando em 1 de maio de 1551.

Como noviço, prosseguiu no Colégio das Artes seus estudos, já então de Filosofia. Ajudando pela manhã, na capela de seu próprio colégio, a cinco, seis e até dez missas diariamente, em jejum e com o máximo fervor de espírito, contraiu por esse esforço uma grave moléstia e teve de recolher-se, no ano seguinte à enfermidade, interrompendo os estudos. Como consequência lhe resultou irremediável defeito na espinha dorsal, deformidade de que ele será mais tarde o primeiro a gracejar. Mas então temeu ser, por incapaz, despedido da vida religiosa (VIOTTI, 1980, p. 29).

Em 1998, na Universidade de Coimbra, realizou-se importante Congresso Internacional, em homenagem aos 450 anos da passagem de Anchieta pela instituição, em 1548 (PINHO & FERREIRA, 2000). Este evento, que congregou especialistas de diversos países, teve como resultado a publicação de três volumes com variados estudos sobre esse importante momento histórico, que influiu na posterior fundação do Brasil quinhentista, a colônia incipiente da América portuguesa. Note-se que as ideias linguísticas de humanistas como Anchieta influíram no estabelecimento do contato linguístico inicial entre europeus e povos indígenas, o que propiciaria, por sua vez, o estabelecimento definitivo dos colonos e missionários no Brasil.

## 1. Artes liberais e as ideias linguísticas no humanismo renascentista

O discurso do humanista francês Arnaldo Fabrício, *De liberalium artium studiis oratio* (Oração sobre o estudo das artes liberais), proferido no dia 21 de fevereiro de 1548, na inauguração do Real Colégio das Artes de Coimbra foi editado em Coimbra no mesmo ano, na tipografia de João de Barreira e João Álvares, como consta no frontispício da obra (FABRÍCIO, 2011, p. 27): *Conimbricae habita in Gymnasio Regio pridie quam ludus aperiretur. IX. Cal. Martii M. D. XLVIII, Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium et Ioannem Alvarez, M. D. XLVIII* (proferida em Coimbra, no Ginásio Real, um dia antes que a escola fosse aberta, em 21 de fevereiro de 1548, editada em Coimbra por João de Barreira e João Álvares).

Em 2011, a obra foi reeditada em um conjunto com outras “orações de sapiência”, proferidas em Coimbra entre 1548 e 1555. Esses discursos em latim, que eram proferidos na abertura do ano letivo, compunham uma tradição da época renascentista. Modernamente, a edição de 2011 teve como organizador o professor Sebastião Tavares de Pinho, contando com o texto latino, a tradução e comentários dos discursos proferidos nas ocasiões supracitadas. A partir desta edição moderna, teceremos comentários sobre a relação dos discursos com as ideias linguísticas na época da formação de Anchieta em Coimbra.

A questão linguística central do humanismo renascentista, como movimento acadêmico, está na difusão do pensamento original das culturas da antiguidade clássica, sobretudo da criação de uma nova tradição gramatical, a partir da herança das línguas clássicas, o latim, o grego e o hebraico: *trium linguarum gnarus*.<sup>1</sup> Com o uso do latim como língua de cultura, os humanistas em Portugal encetam novos debates sobre as novas línguas de contato na expansão do império ultramarino português. Surge, dessa necessidade também, um debate sobre o ensino das línguas clássicas e um maior interesse por desenvolver uma tradição gramatical vernácula. José de Anchieta foi educado neste contexto, tendo sido um dos mais notórios alunos matriculados no Real Colégio das Artes de Coimbra, desde o ano de sua abertura em 1548, em que a instituição começara a funcionar.

---

<sup>1</sup> Expressão retirada do diálogo *Ichthyophagia, De Piscium Esu*, de Erasmo de Roterdã, que define o humanista (ROTODAMI, 1693, p. 335): “*Si scire vis, Cephalus est vir trium linguarum et omnis litteraturae perpulchre gnarus, tum in sacris voluminibus et vetustis Theologis diu studioseque versatus*” (Se queres saber, Céfalo é o homem conhecedor das três línguas e de toda a literatura de forma bela, assim é versado nas Sagradas Escrituras e nos velhos teólogos, de forma zelosa e há muito tempo).

Neste artigo, temos como proposta analisar as ideias linguísticas do humanismo renascentista português pelas referências às disciplinas do trívio (gramática, retórica e dialética) no discurso de abertura do ano letivo em 1548, proferido pelo humanista Arnaldo Fabrício, *De Liberalium Artium Studiis Oratio* (Oração sobre o estudo das artes liberais), como supracitado. Seleccionamos alguns excertos do discurso em relação às ideias linguísticas nele contidas, que expressam e registram o pensamento da época, marcada pelas Reformas protestante de Lutero e, posteriormente, a católica, no Concílio de Trento, também pelo início da ocupação territorial da América portuguesa, o Brasil quinhentista, com a instituição do governo-geral (MONTEIRO, 2007, p. 136-137).

No discurso do humanista Arnaldo Fabrício, as ideias linguísticas da educação humanística renascentista são tratadas no contexto das artes liberais, de herança clássica e medieval, sobretudo em relação à sua categorização como disciplinas pertencentes ao trívio. Trata-se, dessa forma, o discurso do humanista em Coimbra de uma síntese do pensamento didático e educacional no ano letivo acadêmico de 1548, com a invocação de preceitos herdados da antiguidade clássica e de sua recepção pela escolástica no medievo, como sustentação da educação humanística europeia renascentista, o que abarcava o ensino de línguas clássicas no Real Colégio das Artes de Coimbra, instituição em que Anchieta estudara.

## **2. O trívio e a gramática latina**

A tradição gramatical herdada da antiguidade clássica está expressa em duas gramáticas que foram muito influentes nas tradições posteriores, sobretudo no medievo ocidental. De um lado, a gramática de grego intitulada *Tekhné Grammatiké* atribuída tradicionalmente a Dionísio, o Trácio, entre os séculos I e II a.C. (CHAPANSKI, 2003, p. 12), e, do outro, as duas artes de gramática latina de Donato, a *Ars Minor* e a *Ars Maior* do século IV d.C. (DEZZOTI, 2011, p.13) foram textos fundamentais para a tradição gramatical medieval baseada nas línguas clássicas. Além desta herança, que chega ao período renascentista, há também a organização dos estudos pela escolástica medieval, que muito influenciou nas ideias linguísticas do humanismo renascentista:

Quanto às disciplinas literárias, a gramática abrangia tanto o estudo da língua latina como as obras literárias nesse idioma, e a retórica, que trata da arte de

bem falar, ligava-se estreitamente à dialética, a arte de pensar corretamente e de discutir com acerto. Em obras como a de Varrão ou nos escritos lógicos de Boécio vinham a lógica aristotélica e a estoica esquematicamente compendeadas para uso dos estudantes, enquanto para a retórica passaram a valer as obras elegantes e eloquentes de Cícero. No tocante à gramática pura, Donato, professor de retórica em Roma na metade do século IV, redigiu duas sendo a *inferior* para os principiantes, e a *superior* para os alunos mais adiantados. Além disso, concorreram para o enriquecimento dessa disciplina os gramáticos Charisius e Diomedes na segunda metade do século IV mas principalmente Prisciano que, no fim do século V, redigiu os dezoito livros das suas *Institutiones grammaticae*, de tal forma que veio a ser, junto com Donato, o autor preferido para os estudos de gramática durante a Idade Média (NUNES, 1975, p. 4).

O discurso de Arnaldo Fabrício, em Coimbra, remete-se à organização de disciplinas nomeadas artes liberais, cuja tradição nos leva ao início do pensamento científico e da organização das ciências, as artes e as técnicas em contextos da antiga civilização da Hélade, que foram absorvidos pelos povos latinos. Sendo o trívio um compêndio dos estudos relacionados à linguagem neste contexto, com suas três disciplinas: a gramática, a retórica e a dialética ou lógica, é natural que estes estudos estivessem vinculados à filosofia e à retórica na Atenas clássica dos séculos V e IV a.C., contexto em que Platão e Isócrates teriam fundado as suas antagônicas escolas de pensamento e formação acadêmica (LACERDA, 2014, p. 72-76).

Após a fundação da Biblioteca de Alexandria, no século III a.C., a tradição gramatical organizou-se pela criação da noção de filologia, o que redundaria em um desenvolvimento da tradição clássica ateniense no contexto alexandrino, com vistas à recuperação da obra homérica, mais antiga, e a renovação das concepções de mundo, por uma difusão da filosofia aristotélica e das obras dos sábios de Alexandria (GARCIA, 2010, p. 128). A gramática superveniente de Dionísio, o Trácio é um documento que registra esse movimento histórico, em uma época que seria sucedida pela dominação romana e a reconfiguração do Egito como província.

O período helenístico de dominação romana, na África, resulta em uma renovação cultural em Roma, marcada por novas gerações de eruditos que se expressavam em Latim como Varrão, que propõe a reorganização do sistema de disciplinas na obra *Disciplinae* (As disciplinas), também conhecido pelo título de “Nove Livros das Disciplinas”, e uma sistematização do conhecimento



linguístico de sua época na obra *De Lingua Latina*, do século I a.C., apogeu de Roma (VALENZA, 2010, p. 9-10). As obras de Cícero e, mais posteriormente de Quintiliano, que influenciariam a retórica renascentista profundamente, são oriundas deste contato intercultural originário e da releitura de obras da tradição alexandrina.

Após este período, no despontar do medievo, as gramáticas de Donato, os manuais de Boécio e a obra de Prisciano (FORTES & FREITAS, 2015, p. 5-6) são fundamentais para se compreender a manutenção e transmissão das ideias linguísticas greco-romanas no contexto de declínio da civilização romana. Será, porém, o africano Marciano Capela, contemporâneo de Santo Agostinho, que registrará, em Cartago, uma compilação sobre as artes liberais na obra intitulada *De nuptiis philologiae et Mercurii* (Sobre as núpcias da Filologia com Mercúrio).

Plotino, Santo Isidoro de Sevilha, Remi d'Auxerre são importantes autores que auxiliariam, posteriormente, o estabelecimento da escolástica medieval. O tema é profundamente debatido nas obras de Gregório de Tours e de Hugo de São Vitor (MEIRINHOS, 2007, p. 187-188), como expoentes do movimento organizador das disciplinas das artes liberais, as disciplinas que Arnaldo Fabrício elencaria, em 1548, como elementos fundamentais da educação humanística do Real Colégio das Artes de Coimbra, em que teria estudado José de Anchieta, ainda adolescente.

### **3. De Liberalium Artium Studiis Oratio**

Vejamos alguns excertos retirados do discurso, acerca do trívio e principalmente da gramática. Em um primeiro momento, Arnaldo Fabrício refere-se no discurso à política educacional de D. João III, que estava presente na ocasião em que este foi proferido, na inauguração do Real Colégio das Artes. O humanista refere-se à educação humanística italiana e francesa:

*Porro autem adolescentes artium, quae summis ac ueris laudibus hic ornantur, studiis deditos hoc officio demereri uolui, qui cum ad cognitionem illarum, quibus tot, tantaque, ad omnem uitae partem proposita sunt praemia, hac laudatione, cohortationeque mea sentient se fortasse non parum moueri, libenter agnoscent, quantum hoc uno litterarum nomine illustrissimo ac sapientissimo Regi debeant; qui dum acria Lusitaniae iuuentutis ingenia politissima Gallorum et Italarum aduenticia doctrina cultiora reddantur, nullis sibi ea in re sumptibus parcendum putat (FABRÍCIO, 2011, p.30).*

Além disso, quis com o meu trabalho incitar os jovens a entregarem-se ao estudo das artes que aqui se enaltecem com os mais elevados e verdadeiros argumentos. Quando eles, com este louvor e com a minha exortação, se sentirem talvez impedidos ao conhecimento das artes, que proporcionam durante toda a vida tantas e tão grandes recompensas, reconhecerão de bom grado quanto devem, no aspecto literário, a tão Ilustríssimo e Sapientíssimo Rei. De facto, entende que não se deve furtar a despesas nesta matéria, contanto que os espíritos perspicazes da juventude lusitana se tornem mais cultos, em contacto com o saber brilhantíssimo dos Franceses e Italianos (FABRÍCIO, 2011, P. 31).

Mais adiante, Arnaldo Fabrício cita seu modelo para o discurso, as obras de Cícero, tendo em vista que o humanismo renascentista se baseava na emulação de autores clássicos, cuja influência era patente, através do estudo da retórica clássica no Renascimento:

*Illud uero neque, dissimulabo neque, me fateri pudebit, in hac locorum communium tractatione loca quaedam quae ad hanc rem maxime pertinere [iiij] uidebantur a M. Cicerone me mutuatum esse; ita tamen, ut uerbis, ac ipsis prope modum rebus commutatis ea ut imitator in usum meum transtulerim. In quo, si modo meus hic labor non omnino frustra susceptus uidetur, spero meliori fore me condicione, quam cui uni Ciceronis imitativo nunc demum uitio, culpaque tribuatur.* (FABRÍCIO, 2011, p. 30)

Não ocultarei, porém, nem terei pejo em confessar que, neste versar lugares comuns, fui buscar a M. Cícero certas passagens que pareciam [iiij] mais concernentes ao tema proposto. Mas fi-lo de tal modo que, mudando as palavras e até quase os próprios assuntos, tudo utilizei como um modelo. Assim, se não parecer que este meu trabalho foi inteiramente inútil, espero estar em melhores condições do que aquele a quem somente a imitação de Cícero pode ser imputada de vício e culpa (FABRÍCIO, 2011, p. 31).

As artes liberais, herança clássica e medieval, para os humanistas renascentistas, são descritas pelo humanista como encontradas pela observação da natureza e a percepção do ser humano:

*Talis enim mens est homini data, quae uirtutis, cuius est capax, non nisi elementa habeat. Quocirca artes exquisitae sunt, atque ex notatione, animaduersioneque naturae inuentae: quarum subsidio ad ea quae accepimus, consequentia*

*adiungeremus, et quod in nobis est praestantissimum ab ipsa natura incohatum, perficeremus* (FABRÍCIO, 2011, p. 34).

Na verdade, foi oferecida ao homem uma inteligência específica, que apenas possui elementos de virtude de que é capaz. Razão pela qual se procuraram as artes, encontradas a partir da observação e descrição da natureza humana, a fim de que, com o auxílio delas, acrescentássemos consequências lógicas ao que recebêramos, completando assim o que de mais nobre a própria natureza em nós começara (FABRÍCIO, 2011, p. 35).

Arnaldo Fabrício define as artes liberais, e a educação humanística, como derivadas da sabedoria, pertencentes aos espíritos mais livres, sendo as artes relacionadas à virtude, e em seguida numera-as, na divisão sistemática do trívio (gramática, dialética e retórica) e do quadrívio (aritmética, música, geometria e astronomia):

*In iis Prudentia, quae recte a ueteribus ars uitae nuncupata est, primum locum obtinet, nam et quae a natura data sunt, sedulo tuetur; et quae desunt, comparat. Ex quo fonte deductae sunt artes, quae idcirco ingenuae et liberales dictae sunt, quod ingeniis liberalius sint dignae. Hae uero sunt quidam habitus animi ad uirtutem, ad quam maxime facti a natura uidemur, rectis studiis quasi subacti, et praeparati, [viiij] ut Grammatica, Dialectica, Rhetorica, itemque numerorum, sonorum, mensurae, siderum rationes* (FABRÍCIO, 2011, p. 34).

Entre as artes, ocupa o primeiro lugar a Sabedoria à qual os antigos chamaram, justamente, a arte da vida; de facto ela vela cuidadosamente pelos atributos que nos foram dados pela natureza e procura os que faltam. Desta fonte brotaram as artes que, por isso, se chamaram nobres e liberais, porque são dignas dos espíritos mais aristocratas. Estas representam como que um certo pendor do espírito para a prática do bem para o qual parece sermos destinados pela natureza e como que impelidos e preparados por estudos adequados, [viiij] tais como a Gramática, a Dialética, a Retórica e ainda as Ciências Matemáticas, a Música, a Geometria e a Astronomia (FABRÍCIO, 2011, p. 35).

Mais adiante no discurso, debate uma a uma as sete artes liberais. Apresentamos o primeiro excerto sobre a gramática, a primeira das artes do trívio, que se relaciona aos estudos de linguagem:

*Veniamus iam ad eas artes, quae in perficiendo sermone [xviiij] uersantur; in quibus Grammatica, quae est litterarum scientia, prima numeratur. Cuius quidem*

*professio multo maior est, quam uulgus intelligat. Nam praeter pure, et emendate loquendi scientiam, auctorum quoque enarrationem complectitur* (FABRÍCIO, 2011, p. 44).

Abordemos já aquelas disciplinas que se ocupam do aperfeiçoamento [xvii] da linguagem. Entre elas, figura, em primeiro lugar, a Gramática, que é a ciência das letras. O seu emprego é muito maior do que vulgarmente se crê. Assim, além de uma ciência de ensinar a falar com pureza e correção, abrange ainda o comentário dos autores (FABRÍCIO, 2011, p. 45).

O conceito de gramática, na educação humanística renascentista, pelo discurso de inauguração do Real Colégio das Artes de Coimbra em 1548, relaciona-se ao aprendizado de latim, da leitura dos autores clássicos e do domínio da expressão em latim, além de serem citados no discurso aspectos relacionados ao estudo da morfologia:

*Eius ratio ut in loquendo est necessaria, ita percipiendis, interpretandisque aliorum dictis, sensibusque opportuna. Etenim uerba propria, et apta nobis administrat, quibus animi sensa explicemus, et ne perturbata, discrepans, aut praepostera exeat oratio, docet sic ea coniungere, ut casibus, temporibus, personis, genere, et numero consentiant* (FABRÍCIO, 2011, p. 44).

O seu estudo é tão necessário na linguagem como oportuno na compreensão e interpretação do discurso e dos sentimentos dos outros. Pois, fornece-nos os vocábulos precisos e adequados para expressarmos os nossos pensamentos e, para que o nosso discurso não saia desordenado, confuso, e às avessas, ensina a conjugar as palavras de modo a concordarem em caso, tempo, pessoa, género e número (FABRÍCIO, 2011, p. 45).

A partir da gramática, o humanista diz se desenvolverem as outras artes liberais, pois a gramática se relaciona à prática da leitura e da escrita, sem a qual o domínio destas habilidades não seria possível:

*Ad eruendos praeterea sensus auctorum abstrusos, et reconditos copiosum quoddam instrumentum uaria rerum supellectile paratum adhibet, et quae tenuis, et exigua a primo uidetur, talem ad extremum se profert, ut quae in illustrioribus artibus sunt praeclarissima, nisi firmis huius fundamentis nitantur, consistere omnino nequeant* (FABRÍCIO, 2011, p. 44).

Ainda, para descobrir os pensamentos complexos e profundos dos autores, acrescenta uma abundância de processos feita com materiais diversos; e a Gramática,

que de início parece insignificante e exígua, apresenta-se, por fim, tão importante que o que de mais notável existe nas artes mais nobres não pode de forma alguma manter-se, se não se apoiar nos seus sólidos fundamentos (FABRÍCIO, 2011, p. 45).

O humanista define, mais precisamente, a gramática como ciência da linguagem, de uma forma generalizada, sendo a gramática considerada as primícias de um pensamento metalinguístico e filosófico, a partir do qual qualquer um pode passar a refletir sobre a sua própria linguagem:

*Est enim omni loco, omnique tempore ita nobis necessaria, ut siue quid legamus, siue scribamus, siue cum aliis loquamur, siue ipsi nobiscum cogitemus, nullo modo ea carere possimus. Quae profecto cum ceteris artibus ita est coniuncta, ut quo modo haec ab illis, aut illae ab hac seiungi queant, ne intelligi quidem possit* (FABRÍCIO, 2011, p. 44-46).

De facto, a Gramática é para nós tão necessária em todo o lugar e em todo o tempo que de forma alguma nos podemos privar dela, quer estejamos a ler, a escrever, ou a conversar com os outros ou mesmo a reflectir connosco. Ela está tão em sintonia com as outras artes que de modo algum pode ser separada delas, ou vice-versa (FABRÍCIO, 2011, p. 45-47).

Após definir a gramática, Arnaldo Fabrício tece seu discurso sobre a disciplina da dialética, na educação humanística, a segunda das artes do trívio, apresentando conceitos que atualmente consideramos como pertencentes à sintaxe, à estilística e a um uso mais complexo da linguagem:

*Dialectica proxime sequitur Grammaticam, a qua cum sermonem rectum, et nudum [xix] acceperit, primum dispicit simplicia uerba ad quod genus sint referenda. Deinde coniunctorum uim, naturamque considerat, quid ὑποκείμενον sit, quid κατηγορούμενον (quod utrumque dialecticorum uulgus subiectum, et praedicatum nominat) quid enuntiatio quot eius genera* (FABRÍCIO, 2011, p. 46).

A Dialéctica segue de forma muito próxima a Gramática. Dela tendo recebido a linguagem correcta e descarnada, [xix] primeiro examina as palavras simples e o género a que se referem; depois considera o valor e a natureza dos elementos das proposições, aquele que seja o ὑποκείμενον e o κατηγορούμενον (que os estudos de dialéctica designam vulgarmente por sujeito e predicado), bem como o que constitui uma proposição e quantas espécies há (FABRÍCIO, 2011, p. 47).

A dialética, segundo o humanista, permite também a discussão de questões relacionadas à semântica e à produção textual e discursiva, sendo disciplina que aprofunda o estudo de questões de coesão e coerência, na produção textual:

*Tum regulam adhibet, qua uerum, falsum ne sit, quod enuntiatur, et quid e quoque efficiatur, quid cuique consequens, quid contrarium sit, iudicetur. Cumque multa sint natura ambigua, atque confusa, ut quaeque plane, explicataeque dicantur, haec ars docet uniuersam rem in suas partes distribuere, ambiguam distinguere, latentis, et inuolutae uim definitione proferre, atque euoluere (FABRÍCIO, 2011, p. 46).* Emprega ainda regras pelas quais seja possível distinguir se um enunciado é verdadeiro ou falso e o que dele resulta, avaliando qual seja o consequente e o seu contrário. E, uma vez que muitas coisas são ambíguas e confusas por natureza, para que cada uma delas seja dita de forma exacta e clara, esta arte ensina a dividir o todo nas suas partes, a distinguir o que é incerto e a dizer e a explicar através de definições o significado do que está oculto e obscuro (FABRÍCIO, 2011, p. 47).

Segundo Arnaldo Fabrício, a dialética permite, sobretudo, a interpretação e análise de argumentos, assim como a produção de novos argumentos, sendo a arte relacionada aos debates, como etapa anterior ao estudo direto da oratória:

*Cuius cum duae sint partes, una iudicii, de qua iam diximus, altera inuentionis, quae uiam, rationemque monstrat promendi ex locis, in quibus inclusa sunt argumenta, mirum est quantam in quaque disputatione facultatem, copiamque afferat tum ad disserendum, tum ad iudicandum. Ex quibus quanta sit huius doctrinae utilitas, satis apparet (FABRÍCIO, 2011, p. 46).*

Como a Dialéctica é formada de duas partes, uma a do juízo de que já falámos, a outra a da invenção que mostra a via e o método de tirar argumentos de onde eles se encontram, é admirável quantas possibilidades e recursos traz, em qualquer discussão, tanto para dissertar como para emitir juízos de valor. Em face disto, é bem evidente a utilidade desta ciência (FABRÍCIO, 2011, p. 47).

Após a definição de dialéctica, o humanista francês Arnaldo Fabrício cita a última das três artes liberais que compõem o trívio, as artes relacionadas às letras, a retórica:

*Huic finitima est Rhetorica, quarum tanta est cognatio, ut cum pleraque [xx] omnia habeant inter se communia, quid interea intersit aptius designari nequeat,*

*quam qua hac in re manus similitudine Zeno usus traditur. Cum Dialecticam pugno, Rhetoricam palmae similem diceret. Est enim utriusque eadem materia, sed illa disserendi ratio angustior; haec dicendi latior est, atque ornatio, et cum populariter loquatur, animis mouendis, uulgiue sensibus magis accommodata* (FABRÍCIO, 2011, p. 46).

Com ela confina a Retórica, cujo parentesco é tão grande que possuem [xx] a maior parte das matérias em comum. E não pode afirmar-se em que divergem de forma mais expressiva do que com a semelhança da mão de que dizem ter-se servido Zenão, uma vez que costumava dizer que a Dialéctica era semelhante ao punho e a Retórica à palma da mão. Ambas são formadas da mesma matéria, mas naquela a forma de dissertar é mais sóbria e nesta é mais ampla e embelezada. E, porque é possível falar de harmonia com a linguagem popular, é mais apropriada para comover a alma e para exprimir os sentimentos do vulgo (FABRÍCIO, 2011, p. 47).

O humanista descreve a fala como uma faculdade humana, comum a todos, dentro de sua concepção de mundo renascentista, relacionada à questão divina, também teológica:

*Neque uero putandum est, id frustra natura esse comparatum. Nam secundum mentem diuinitus acceptam linguae, et sermonis uim máxime propriam habemus, qua a mutis pecudibus discreti excellentis naturae dignitatem multo melius, quam corporis, orisque figura, et specie exprimimus. Quam quidem a natura nobis iccirco esse tributam re ipsa intelligitur, ut sermonis usu inter nos communicando quantum quisque ingenio, et prudentia ualeret, alii alios docendo, monendo, hortando, mutuis officiis generis humani communitatem, ad quam nati sumus, societatem coleremus* (FABRÍCIO, 2011, p. 46).

E não se pense que isso foi estabelecido inutilmente pela natureza. Pois, segundo a inteligência recebida como um dom de Deus, temos o privilégio, que nos é muito peculiar, da língua e da conversação, pela qual, distintos dos mudos animais, expressamos muito melhor a dignidade da excelência da nossa natureza do que pela figura e aspecto do corpo e do rosto. Certamente se compreende que, por essa razão, a linguagem nos foi dada pela natureza para que comunicando entre nós pelo uso da palavra, segundo as possibilidades do talento e da sabedoria de cada indivíduo, uns ensinando os outros, aconselhando e exortando a que cultivemos, de mútuas formas, o convívio humano e a sociedade para que nascemos (FABRÍCIO, 2011, p. 47).

A partir do trívio, é descrita a eloquência, como virtude resultante dos estudos humanísticos propostos, e como meio de ação:

*Quae facultas arte subnix usuque, et exercitatione confirmata Eloquentiam parit, ac procreat, quae quoniam rerum scientiam cum uirtute complexam tenet, nihil aliud esse definita est, quam copiose loquens sapientia. Qua una quid ad splendorem, et gloriam illustrius, aut ad laudem admirabilius, aut omnino ad opes, ad gratiam, ad dignitatem praestantius, non esse tantum, sed dici, aut etiam cogitari potest* (FABRÍCIO, 2011, p. 48)?

Esta capacidade, apoiada na arte e no uso, e confirmada pelo exercício, origina e cria a Eloquência que pela razão de possuir o conhecimento das coisas de braço dado com a virtude, foi reconhecida simplesmente como sendo a sabedoria eloquente. O que pode não só existir mas também dizer-se, ou até imaginar-se, de mais notável para o esplendor e para a glória, ou de mais admirável para a honra, ou de mais excelente para a influência, reconhecimento e dignidade do que esta ciência (FABRÍCIO, 2011, p. 49)?

Por fim, referindo-se a uma visão de mundo irenista, com influência do pensamento erasmiano, o humanista Arnaldo Fabrício descreve o estudo de artes liberais com a meta de estabelecer a paz e a amizade entre os povos, nos próprios reinos e na sociedade, algo que só pode se desenvolver pelo diálogo. Este é um dos principais ideais da educação humanística, e fruto da eloquência:

*Haec pacem, amicitiamque inter populos conciliat, haec ciuitates, regna, imperia consiliis instruit, haec leges reipublicae salutare rogat, iudicia tuetur, oppressos periculis subleuat, nocentem fraudes, et scelera detegit, ac poenis ulciscitur. Haec denique ad animos commouendos tantam in omnem partem uim habet, ut nulla sit tam obstinata sententia quae expugnari, nulla tam excitata iracundia, quae sedari, nihil denique tam persuasum, atque animo infixum, quod moueri, euellique eius uiribus non possit* (FABRÍCIO, 2011, p. 48).

É ela que fomenta a paz e a amizade entre os povos, é ela que com os seus conselhos instrui as cidades, os reinos e os impérios, é ela que promulga leis eficazes para o Estado, resolve as contendas, afasta os oprimidos dos perigos, descobre e castiga com penas as fraudes e os crimes dos malfeitores. Em suma, ela tem tanta força, em qualquer circunstância, para impressionar os ânimos que não existe opinião, por mais obstinada, que não seja vencida; não há nenhuma cólera tão violenta que não seja apaziguada; por último, nada existe tão persuasivo e



arreigado ao espírito que não possa ser removido e desenraizado pelos tentáculos da Eloquência (FABRÍCIO, 2011, p. 49).

No mesmo âmbito, o discurso cita os estadistas Demóstenes e Cícero, que, por sua formação humanística, como bons cidadãos, puderam servir às suas sociedades, em momentos cruciais para a sua estabilidade:

*Quibus instructus uir bonus, qualem esse oratorem oportere intelligimus, quantam opem non singulis solum, sed uniuersae reipublicae affere possit, ut alios praetermittam, quos eloquentiae laude in ciuitatibus suis floruisse legimus, exemplo sunt duo illi oratores omnium, quos unquam natura procreauit, praestantissimi Demosthenes, et Cicero* (FABRÍCIO, 2011, p. 48).

Demóstenes e Cícero, que foram, entre todos, os dois oradores mais ilustres que a natureza jamais alguma vez criou, para não lembrar outros que, segundo lemos, brilharam nas suas cidades pelo fulgor da sua Eloquência, servem para demonstrar o enorme contributo que um homem de bem, como em nosso entender deve ser o orador, pode prestar não só ao indivíduo em particular como a todo o Estado.

Ainda sobre Demóstenes, o humanista Arnaldo Fabrício cita seu exemplo histórico, de como o estudo da eloquência pode influir na luta contra injustiças:

*[xxij] Quorum ille non solum pro ciuitate sua multa alia praeclare gessit, sed etiam ut et historiae, et diuina eius scripta declarant, pro totius Graeciae libertate Philippo Macedoniae regi cunctis opibus Graeciam inuadenti sese opposuit, aduersus quem tanta contentione dimicauit, ut populus Atheniensis, quem is ad defensionem communis libertatis suscipiendam hortatu suo impulerat, tot copiis, tanto imperio, tanta prudentia et gloria longo tempore, et rerum gestarum magnitudine comparata, non fortius, quam hic unus mentis, ac linguae uiribus potentissimo hosti restiterit* (FABRÍCIO, 2011, p. 48).

*[xxij]* Aquele vulto notável não só realizou em prol da sua cidade muitos feitos nobres, como ainda, segundo consta de factos históricos e dos seus escritos divinos, se opôs, em prol da liberdade de toda a Grécia, ao rei Filipe da Macedónia que invadira o país com imensos recursos militares. Contra ele lutou com tal determinação que o povo ateniense, que ele entusiasmara com a sua exortação a tomar a defesa da liberdade comum, apesar de possuir muitas tropas, poder, sabedoria e glória de longos anos, alcançada com a grandeza de acções memoráveis, não resistiu ao inimigo poderosíssimo mais fortemente do que ele, sozinho, com os recursos da sua inteligência e oratória (FABRÍCIO, 2011, p. 49).

E, por fim, Arnaldo Fabrício cita o exemplo do orador romano Cícero, que combateu conspirações em Roma e a corrupção de Verres. Note-se que a educação humanística, neste aspecto, situa-se na dimensão do uso social e político da linguagem:

*Quid uero M. Tullius? Quisquam ne in ulla ciuitate unquam maiore eloquentia, animo, contentione, quam hic in Romana republica orbis terrarum principe, publicae libertatis, legum iudiciorum causam sustinuit? Quis fortius contra sceleratos ciues, et pestem patriae nefarie molientes pugnavit? Quis constantius sceleri et audaciae restitit? Quis acrius tyrannidem repulit* (FABRÍCIO, 2011, p. 48)? E que dizer de Marco Túlio? Porventura alguém em alguma cidade, com mais eloquência, coragem e determinação do que ele, na República romana, cabeça do mundo, sustentou a causa da liberdade, das leis e do fórum? Quem com mais veemência do que ele lutou contra cidadãos criminosos que maquinavam, impiamente, a ruína da pátria? Quem com mais perseverança lutou contra o crime e o atrevimento? Quem com mais veemência repeliu a tirania (FABRÍCIO, 2011, p. 49)?

Ainda versa sobre o corrupto Verres, a conjuração de Catilina, Clódio e Marco Antônio, inimigos tiranos que Cícero combateu com o uso da retórica e da eloquência, em inflamados discursos, defendendo o senso republicano de Roma:

*Hic eloquentia, consilio, fide armatus Verris libidinem, auaritiam, crudelitatem ultus est. Hic Catilinae coniurationem oppressit, et arma contra patriam suscepta e perditissimorum ciuium manibus extorsit. Hic turbulentos, et furiosos P. Clodii conatus refutauit. Idem M. Antonium rempublicam armis obsessam tenentem, et gladiatorum terrore iam ad se omnia trahentem, hostem iudicauit, urbeque expulit. [xxiij] Cum cuius salute ita reipublicae salus erat coniuncta, ut non prius tyrannorum importunitate opprimi ac potuerit, quam eadem ui diuina haec uox intercepta, sublataque fuisset* (FABRÍCIO, 2011, p. 48-50).

Foi ele que, armado com a sua eloquência, determinação e lealdade, puniu o desregramento, a ambição e a crueldade de Verres. Foi ele quem surpreendeu a conjuração de Catilina e arrancou das mãos dos cidadãos depravados as armas brandidas contra a pátria. Foi ele que repeliu as tentativas turbulentas e loucas de Clódio. Foi ele ainda quem considerou como inimigo Marco Antônio, que tinha a nação sitiada pelas armas e já pelo terror das espadas tudo levava diante de si; e expulsou-o de Roma. [xxiij] A salvação da República estava tão ligada

a Cícero, que não podia ser esmagada pela crueldade dos tiranos, sem que a sua voz prodigiosa fosse primeiro interceptada e suprimida por essa mesma violência

(FABRÍCIO, 2011, p. 49-51).

## Conclusão

Após o discurso *De Liberalium Artium Studiis* (Sobre o estudo das artes liberais), proferido pelo humanista francês Arnaldo Fabrício, em 21 de fevereiro de 1548, na presença do rei D. João III, se iniciou o ano letivo do Real Colégio das Artes de Coimbra, como supracitado. José de Anchieta (1534-1597), ainda adolescente, participou das atividades letivas desde 1548, ano de inauguração do Real Colégio, e pudemos ter, através deste relato coevo, uma visão geral das ideias linguísticas desta época. No ano de 1998, o *Congresso Internacional – Anchieta em Coimbra 1548* reuniu dezenas de pesquisadores de todo o mundo para analisar a estadia de Anchieta na instituição. Entre os trabalhos apresentados, o professor Eduardo de Almeida Navarro coligiu informações sobre as gramáticas estudadas no contexto desta educação humanística (NAVARRO, 2000, p. 385 e seguintes).

O ensino de latim em Portugal em 1548, influenciado pela tradição francesa, provavelmente se pautou pela gramática latina de *Despauterius*, enquanto o ensino de grego e de hebraico teria sido influenciado pelas obras de Nicolau Clenardo, humanista flamengo. Posteriormente, a gramática de Manuel Álvares suplantaria a obra de Despautério no ensino de latim, após o início da administração jesuítica de 1555:

Com a erecção do Colégio das Artes, acentuar-se-ia a influência francesa sobre o ensino em Portugal, que já desde a década de vinte era forte naquele país. O que importa dizer, agora, é que a gramática de Despautério, a mais usada na França e nos Países Baixos em todo o século XVI, chegou a Portugal com os mestres franceses, talvez já com a reforma do Mosteiro de Santa Cruz, na década de trinta, e, certamente com a fundação do Colégio das Artes, conforme fica patente com a leitura do importante documento *Schola Aquitanica*, de André de Gouveia, seu primeiro diretor (na época chamado de "principal") (NAVARRO, 2000, p. 396).

Quanto à organização dos estudos no Real Colégio das Artes de Coimbra à época de Anchieta, um dos documentos mais próximos para conhecermos

o processo de ensino-aprendizagem pelo qual o jovem humanista passara é o *Schola Aquitanica* de André de Gouveia, elaborado para o Colégio Santa Bárbara em Paris, e próximo do desenvolvimento inicial do Real Colégio das Artes em 1548, até a administração jesuítica de 1555. Como documento resultante das políticas linguísticas e educacionais deste período incipiente, se registra a *Ratio Studiorum* jesuítica, em 1599.

A educação humanística e as ideias linguísticas referentes às sucessivas reformas educacionais de Portugal, após a criação da Companhia de Jesus, redundariam na fundação dos primeiros colégios jesuíticos no Brasil quinhentista, após a chegada de Nóbrega e de Anchieta, trazendo as ideias linguísticas renascentistas como base para o contato linguístico com os povos autóctones da América portuguesa. De certa forma, se pode afirmar que as ideias linguísticas, oriundas da educação humanística, na qual Anchieta fora instruído em Coimbra, estariam vigentes na política missionária e de ocupação territorial da América portuguesa no século XVI.

## Referências

- CHAPANSKI, Gissele. **Uma tradução da Tékhne Grammatiké, de Dionísio Trácio, para o português**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, dissertação de mestrado em Letras, 2003.
- DEZZOTI, Lucas Consolin. **Arte menor e arte maior de Donato**: tradução, anotação e estudo introdutório. São Paulo: Universidade de São Paulo, dissertação de Mestrado, 2011.
- FABRÍCIO, Arnaldo et al. **Orações de sapiência: 1548-1555**. Coimbra: Imprensa da Universidade, prefácio de Sebastião Tavares Pinho, 2011.
- FORTES, Fábio e FREITAS, Fernando Adão de Sá. O contato linguístico e cultural entre o grego e o latim: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma. **Revista Veredas**. Juiz de Fora: UFJF, v. 19, p. 3-13, 2015.
- GARCÍA, Nilsa Aréan. Panorama histórico da língua grega. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: Cifefil, n. 48, p. 124-134, set/dez 2010.
- LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. Platão versus Isócrates: divergências e convergências. **Revista Phaos**. Campinas: Unicamp, n. 14, p. 71-87, 2014.
- MEIRINHOS, José Francisco. **Estudos de filosofia medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

- MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As reformas religiosas na Europa moderna. **Revista Varia Historia**. Belo Horizonte: v. 23, n. 37, p.130-150, Jan/Jun 2007.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. In: PINHO, Sebastião Tavares de et alii. **Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra - Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, p. 385-406, 2000.
- NUNES, Rui Afonso da Costa. As artes liberais na Idade Média. **Revista de História**. São Paulo: USP, v. 51, n. 101, p. 3-23, Jan/Mar 1975.
- PINHO, Sebastião Tavares & FERREIRA, Luísa de Nazaré (org.). **Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio da Universidade (1548-1998)**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 3 v., 2000.
- ROTERODAMI, Desid. Erasmi. **Colloquia familiaria**. Roterodami: Typis Regneri Leers, 1693.
- SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 44/45, p. 39-59, 2013.
- TANNUS, Carlos A. K. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. **Revista Calíope**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 16, p.13-31, 2007.
- VALENZA, Giovanna Mazzaro. **De língua latina, de Marco Terêncio Varrão**: tradução dos livros VIII, IX e X. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, dissertação de mestrado, 2010.
- VIOTTI, Hélio Abranches. **Anchieta, o apóstolo do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1980.

Recebido em 23 de abril de 2018

Aceito em 17 de julho de 2018.